



A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO PASSA PELA REVOLUÇÃO DO TRABALHO

**PALAVRAS PROFERIDAS PELO PRIMEIRO-MINISTRO VASCO GONÇALVES
DURANTE A SUA VISITA A SOREFAME**

“Depois do que aqui foi dito, pouco mais tenho a acrescentar. Eu estou de facto profundamente satisfeito por nos termos deslocado à Sorefame (eu, os meus camaradas do Conselho da Revolução, do Movimento das Forças Armadas, do Governo Provisório), porque tivemos ocasião de verificar que aquilo que nos disseram os vossos camaradas seria aquilo que nós viríamos aqui dizer.

Eles deram uma clara amostra de consciência política, de consciência social, de consciência de trabalhadores ao serviço da nossa revolução. Que mais posso eu vir aqui dizer, do que aquilo que vos disseram os vossos camaradas?

Vimos aqui aprender convosco. Isto não são frases literárias, as que eu estou aqui a dizer; mas isto é, de facto, a voz da nossa consciência e do nosso coração. Vós tendes na mão (vós e os outros trabalhadores e aqueles que estão de facto interessados em construir um Portugal democrático, um Portugal que aponte para o socialismo), vós tendes na mão o futuro da nossa Pátria. O futuro da nossa Pátria, que sois vós. A Pátria não é uma entidade abstracta, não é uma entidade mítica, mas é uma entidade concreta, constituída por todo um povo de carne e osso que vive dia a dia os seus problemas, que sofre e que tem alegrias, que a constrói também dia a dia na medida das suas possibilidades. Essa é que é a Pátria. A Pátria são os portugueses de carne e osso, sois vós, são todos os portugueses bem ligados aos seus problemas nacionais, às raízes históricas, bem ligados àquilo que, de positivo, a nossa tradição nos traz e apontam para o futuro.”

A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO PASSA PELA REVOLUÇÃO DO TRABALHO

“Esse é que é o verdadeiro conteúdo da Pátria, que não é nada de abstracto que se aprenda nos livros — mas é uma coisa que se aprende no dia a dia.

Vocês, quando estão a construir esses baloiços para os filhos dos trabalhadores, quando estão a construir as carruagens, quando estão a construir os equipamentos para as centrais eléctricas, vós estais a construir a nossa própria Pátria. Esse é o conteúdo da palavra Pátria. E peço licença para dizer aqui umas modestas palavras, ao pé dessas palavras tão belas que aqui foram proferidas pelos vossos camaradas, e ao pé dos caminhos que foram apontados pelo Senhor Ministro da Indústria.

Os trabalhadores da Sorefame têm uma longa tradição de luta, mesmo no tempo do fascismo e, apesar das tremendas dificuldades, conseguiram provar, que a luta é sempre possível se existir uma forte consciência política. O reconhecimento do 1.º de Maio como feriado na Sorefame e a greve de Janeiro de 1974, demonstram essa realidade.

O triunfo da revolução portuguesa depende, decisivamente, do triunfo no campo económico, do relançamento, em moldes socialistas, de uma economia empobrecida pelas distorções do fascismo, pela dependência do capitalismo internacional em crise aguda, pelos obstáculos semeados constantemente no nosso caminho que até agora percorremos.

“Nós não dizemos que, amanhã, vamos ter o socialismo, mas o que afirmamos é que estamos construindo uma sociedade que aponta para o socialismo. Não temos um caminho fácil à nossa frente: a libertação do homem não é fácil. Mas eu pergunto quando os objectivos são a liberdade e a justiça, o que é que pode travar a vontade e a capacidade de luta das massas trabalhadoras? É essa a vontade, aliada à consciência política, que permitirá superar dificuldades que se nos deparam, como seja entre outras, aquelas que eu queria salientar hoje aqui: factores divisionistas dos trabalhadores, o exagero das lutas partidárias e reivindicações salariais irrealistas. Eu penso que vós deveis defender a vossa unidade como aquilo que de mais precioso neste momento tem a nossa revolução.

Vós tendes o direito e tendes o dever de ter ideias políticas, diferentes uns dos outros. Mas, acima das nossas divergências políticas temos os grandes objectivos nacionais a atingir. Aliás, essas divergências políticas têm, no fundo, muito de comum a todos os trabalhadores: a construção de uma sociedade mais justa. E os trabalhadores devem, sobretudo, ver o que é essencial na sua luta, ver o que é o principal e não se deixarem enredar por questões e por lutas de pormenor e de carácter secundário. A vossa unidade é aquilo que mais de precioso deveis defender. Ela forja-se no contacto quotidiano, nas discussões, entre vós, dos grandes problemas nacionais, das tarefas que tendes a resolver.

A vossa unidade resolve-se na crítica aberta, construtiva e desassomburada; no falar frente a frente com lealdade, com coragem, com franqueza, no desmascaramento do oportunismo e divisionismo e tendo sempre, bem presente os grandes objectivos nacionais a atingir, porque hoje os governantes, o MFA, podem afirmar que os grandes objectivos nacionais a atingir são os objectivos das classes trabalhadoras, e todos os que estão interessados na revolução que aponta para o socialismo.”

IDENTIFICAÇÃO DE INTERESSES

“Ninguém de boa fé, pode negar a necessidade, a urgência desta unidade. Ninguém se pode opôr a essa unidade, porque essa unidade é a condição fundamental de vencermos a nossa revolução. É uma condição fundamental da sobrevivência da nossa Pátria. A unidade é hoje, um dever de honra de todos os portugueses. É uma condição da construção da nova sociedade, pela qual todos nós ambicionamos. E a construção dessa nova sociedade necessita da subordinação das lutas partidárias, sempre mas sempre, ao interesse nacional. Necessitamos realismo económico.

Os trabalhadores da Sorefame têm compreendido estas necessidades e o seu nível de consciência política permite-lhes superar as dificuldades apontadas. É preciso que o seu exemplo, tal como outros exemplos existentes, alastrem a todo o País. Que este exemplo vosso fortifique, que seja um exemplo criador. É essa vontade que permitirá fortalecer uma verdadeira consciência de classe impremiável às manobras do capital e às utopias do esquerdismo anarquizante. Deveis ter uma forte consciência de classe. Os interesses das classes trabalhadoras estão identificados com os interesses nacionais.

É ainda essa vontade que permitirá, em coordenação com os órgãos centrais de planeamento e decisão política, desenvolver todo o potencial criador das massas trabalhadoras, levando-as a estudar e a criar formas adequadas de participar no processo revolucionário e, particularmente, no controle da produção, através das próprias organizações que vão criando, conselhos de profissão ou outras formas conjugadas com os órgãos sindicais. Deverão os trabalhadores participar no estabelecimento dos planos anuais das empresas, no estabelecimento dos preços dos produtos, na solução dos problemas salariais, na organização técnica da produção, na aplicação dos capitais, no estudo da distribuição e da colocação dos produtos. Aquilo que vos apontou o Senhor Ministro da Indústria necessita da vossa participação indispensável, porque esta revolução é uma revolução de todos nós. Não há hoje, nem deve haver, uma divisão entre governantes e governados. Esta revolução é a nossa revolução.

Nós estamos aqui, mas estamos prontos a ir para aí, para o vosso lugar, e vós virdes para aqui. Isto é uma revolução de nós todos. Devemos afastar, também das nossas mentalidades, os vícios da sociedade de consumo, criando ideias correctas sobre o que são e não são as verdadeiras necessidades humanas, deformadas ao longo do tempo por uma máquina de propaganda posta ao serviço dos interesses do capital. É um dever de honra.

As classes trabalhadoras e os homens progressistas, os nossos aliados das pequenas e mesmo das médias empresas, nós temos que construir uma nova ideia do que é o papel do homem na sociedade, nós temos de ter atenção a todos esses falsos valores da sociedade de consumo com que nos bombardearam constantemente, ao serviço, precisamente, daqueles que dominavam o trabalho e que exploravam o trabalho. Nós temos de forjar, temos de ter uma nova moral revolucionária, uma dignidade própria dos trabalhadores, uma dignidade que deve traduzir a consciência do papel que vós desempenhais, hoje, na construção da nova sociedade essa consciência humilde, por todos aqueles que valem e têm consciência daquilo que estão fazendo. Devem ser humildes, humildes para com os seus camaradas, humildes para consigo mesmo, humildes para com a nossa Pátria, a Pátria que somos todos nós. A humildade revolucionária é um dever de honra e da vossa dignidade. É essa humildade que nos deve conduzir a todos nós, aos sacrifícios que são necessários para construirmos um Portugal novo.

Já tem sido várias vezes afirmado que nós seremos a geração dos sacrifícios. Seremos isso, e com muita honra: vós estais trabalhando para os vossos filhos. Alguns de vós provavelmente, já não verão em toda a sua planitude a sociedade que estais criando, mas serão os vossos filhos, os vossos netos, e vós mesmos, que sois muito novos, que a vereis essa sociedade será criada com o vosso esforço e com o vosso trabalho. Não há nenhuma revolução digna de esse nome que não exija o sacrifício de gerações. Devemos estar preparados para esse sacrifício, e isso também é uma matéria de discussão quotidiana, quer a nível dos locais de trabalho quer ao nível familiar — em casa com as nossas mulheres e os nossos filhos. É preciso ter paciência para fazer compreender aos outros que alguém tem que se sacrificar pelo futuro de Portugal. E esse alguém somos nós todos, isto não anda só com o sacrifício de meia dúzia, isto tem que andar com o sacrifício de todos.”

temos que nos defender dos nossos inimigos, temos de empenhar muito trabalho na consolidação dessa revolução porque é o trabalho, que é verdadeiramente criador seja de que ordem for.

É o trabalho que faz tudo na terra. Há alguma coisa que tenha sido feita sem trabalho? É o trabalho que caracteriza o homem e o diferencia dos animais. É o trabalho, é essa actividade que é vital para o homem.

Também nós não podemos viver sem trabalhar: isso é que o caracteriza como pessoas.

Pois bem, esse trabalho na situação revolucionária é um trabalho, que se por um lado é mais alegre e nos reconforta moralmente, é também mais penoso.

Vós tendes também um grande papel a fazer nesse trabalho, no desenvolvimento da produtividade.

Eu, agora, vou-me desviar um bocadinho mas vós deveis (sobretudo com a vossa inteligência, com o vosso raciocínio, porque vós sois tão inteligentes como os outros, como os senhores doutores e como aqueles que, só eles, dantes tiravam cursos), vós deveis ter confiança, ter humildade mas ter confiança nos vossos próprios recursos. Vós tendes uma cabeça à altura das outras cabeças, e é sobretudo por um esforço cerebral, por um esforço de consciencialização sobre as actividades laborais que vós podeis melhorar as condições de trabalho, a produtividade, a quantidade de trabalho.

Tende confiança em vós, tende confiança nas vossas possibilidades. Vós, hoje tendes uma liberdade que vos permite expandir, atirar cá para fora todo o mundo que andava aí ressequido todo o mundo que andava oprimido e que só vos deixava falar em futebol."

AS MULHERES TÊM UMA FORÇA ENORME

"Não tenhais medo de errar, mesmo quando fazeis uma experiência, quando propordes uma nova ideia. O que não podemos é cometer erros irreparáveis, nem a nossa economia pode estar sujeita a brincadeiras, a trambulhões, etc.

Mas não tenhais medo de expandir as vossas ideias em relação aos vossos camaradas e aos vossos amigos, não tenhais medo, mesmo que algum deles, às vezes, tenha até um sorriso com um ar superior e pense assim, mas este palerma, porque é que está aqui a dizer isto? Não tenhais medo o caminho é o contrário, é o caminho da expansão, é o caminho da comunicação. E a pouco e pouco, esses outros que se julgarão superiores, verão onde está a sua própria mediocridade, e descerão desse pedestal em que se encontram e virão até vós.

Não tenhais medo, não sejais acanhados, sobretudo as mulheres. As mulheres são muito tímidas, têm medo de dar as suas ideias. Mas têm uma força enorme dentro delas. Não vos julgueis inferiores aos homens, pondo também as vossas ideias, discuti com eles. As mulheres não devem pensar: isto aqui é trabalho de mulher, isto aqui é trabalho de homem. Não devem pensar assim mas também não devem cair no polo oposto.

As mulheres, os filhos, as próprias crianças, também têm espírito criador, não o corteis. É certo que "desde pequenino é que se torce o pepino", e a gente tem que orientar, os nossos filhos, dever que é um dever de honra.

Não os devem amordaçar, não lhes devem estar permanentemente a dizer: "Cala-te, menino que não percebes disto". Porque eles também têm uma cabecinha que vai laborando.

A todos os níveis há ideias criadoras e é preciso que tenhamos consciência disto. Vocês já viram, afinal, o que são estes milhares de pessoas com ideias criadoras a multiplicaram-se e multiplicar as ideias de meia dúzia de sábios que estão certos pedestais e que estão a deitar cá para fora palavras como pérolas? Já viram o que são as vossas ideias criadoras, já viram em que medida isto tudo depende de vós? Já viram a lição que tendes estado a dar-nos? Como nós vamos daqui mais enriquecidos com aquilo que ouvimos por os estarmos a ver aí à nossa frente! Isto é que faz a força da revolução."

O DEVER DE SERMOS CORAJOSOS

"Não tenhais, portanto, acanhamento nem timidez.

Não tenhais medo de fazer figura, às vezes, de mais estúpido do que os outros, não tenhais medo disso. Todas as colaborações são necessárias e são úteis porque, acima de tudo, vós sois portugueses, sois homens e isso é muito superior à inteligência ou à parvoíce ou à estupidez.

A dignidade de ser homem e de ter a consciência de ser português, é de ter a consciência de que temos o dever de trabalhar para a nossa Pátria. E, então, temos o dever de falar uns com os outros, não ter medo uns dos outros, ser francos, de não falarmos atrás de sermos corajosos e irmos ao encontro dos problemas.

O D. João I dizia: Quando temos uma coisa difícil a fazer, a gente deve começar por ela, não deve começar a adiar, isto fica para amanhã, isto fica para depois de amanhã.

Então vamos criando mais complexos, vamos criando mais receios vamos tendo mais acanhamento; pôr as coisas com franqueza. A gente enche o peito de ar e vai para a cabeça do touro. Não estou a proferir nenhum discurso. É preciso ter isso em atenção. Eu, agora, queria focar mais um ponto que acho ser muito importante. É preciso que as massas trabalhadoras compreendam, sem margem para dúvidas quem são os seus aliados na batalha da produção e na superação das dificuldades. Isto é muito importante. Sem dúvida nenhuma, só há duas alternativas; ou se está com a revolução ou se está com a reacção. Não há terceiras vias nem há neutros, nem pode havê-los."

NÃO PODEMOS SEPARAR OS QUADROS DOS TRABALHADORES

"Queria agora falar dos quadros. Penso que os trabalhadores, tal como os quadros, devem estar conscientes da sua aliança natural no processo revolucionário. É claro que os quadros, a certos níveis, também eram e também ainda são assalariados do capital, e nesse aspecto estão ao nível dos outros trabalhadores assalariados.

Mas eles. quer pela sua origem social. quer pelos seus hábitos de vida. quer pelos vencimentos que auferem. quer porque até ficam com

podemos separar os quadros dos trabalhadores. Precisamos dessa profunda unidade entre quadros e trabalhadores, e precisamos que os trabalhadores também compreendam isso, e precisamos que haja até uma certa compreensão, porque eles no fundo, também eram vítimas do fascismo."

CONSCIÊNCIA POLITICA E MAU FEITIO

"Eles julgavam que eram livres ou mais livres que os trabalhadores mas não o eram, porque uma pessoa é livre na medida em que conhece mais, em que é mais instruída, em que conhece melhor os processos, não na medida em que tem mais automóveis, ou mais sofás, ou mais frigoríficos.

Isso também faz parte da liberdade e nós queremos conquistar essa liberdade, queremos atingir a sociedade em que tudo isso seja barato e esteja ao alcance de todos. Mas nós devemos pensar hoje que precisamos dos quadros e os quadros necessitam dos trabalhadores: deve haver uma unidade.

Então se há questões, não deve haver rejeições: vamos outra vez para a crítica, vamos outra vez discutir, vamos lá ver porque é que há este procedimento ou aquele.

Porque nós precisamos dos quadros. É claro que precisamos que os quadros tenham consciência política, e sabemos muito bem que os quadros não são tudo e estão muito longe de ser tudo. Mas nós também precisamos que os quadros tenham consciência política. E se, às vezes os quadros têm menos consciência política, lá estão os trabalhadores ao lado deles para os levar e os encarregar no processo e lhes dar a consciência política que lhes falta e contribuir para a sua consciencialização política. E devemos também pensar que há quadros que têm consciência política, há muita gente que tem consciência política.

Mais uma vez queria salientar a diferença que há entre pessoas que têm mau feito ou que têm tendências autoritárias, ou que têm às vezes (até porque são tímidos e são complexados. Não têm relações abertas com os homens que trabalham mais directamente na produção, no trabalho manual).

Vocês têm um grande papel a desempenhar. É também preciso descomplexar essa gente, e trazê-la até ao vosso seio, e não rejeitar.

Nós precisamos, também, dos quadros, nós precisamos também dos que saibam matemática, física e química, etc." ...

OS QUADROS TAMBÉM ERAM EXPLORADOS

"Precisamos, neste momento, também dos quadros e desde que os quadros estejam prontos a colaborar connosco e a caminhar connosco metidos no mesmo barco, nós não os devemos rejeitar, devemos antes abraçá-los. Nem todos têm o mesmo nível de consciência política mas não vamos agora também dizer que os quadros, porque parte deles estavam comprometidos com o fascismo, não têm consciência política.

E vós sabeis bem que há muita gente que pertencia aos quadros e que é consciente politicamente. Eu portanto exorto-vos a não os rejeitardes mas a procurar a união, a ligação, a chamá-los, se vedes que eles se estão a afastar, chamá-los e trazê-los ao vosso seio, e metê-los no mesmo caminho que é o bom caminho, que é o caminho da nossa Pátria. E grande parte deles são susceptíveis de entrar nesse caminho.

Nem vamos depreender do que eu aqui estou a dizer que os quadros são uns, os trabalhadores são outros. Eu não quero dizer isso. Eu estou a dar ênfase a este problema propositadamente porque nós nesta batalha da produção, precisamos dos quadros, mas precisamos de quadros que sejam tão humildes como os trabalhadores e se não são num determinado momento é o nosso procedimento, é a nossa actuação quotidiana que lhes deve mostrar isso. Mas não devemos rejeitá-los. E não pensemos que nós julgamos que para um lado estão os quadros e para outro lado os trabalhadores. Eu, repito, estou a dar ênfase a isto porque me parece um problema muito importante: há quadros que se julgam rejeitados, quando o não são. Porquê? Porque tudo tem um aspecto dominante e um aspecto secundário, e nesta revolução aqueles que se têm distinguido pelo seu "elan" pelo trabalho, pelo seu amor aos outros e à Pátria e ao futuro esses têm naturalmente tomado posições de destaque.

Mas, tenhamos bem presente que nós precisamos dos quadros e que os quadros no fundo também eram explorados como eram os trabalhadores."

SÓ HÁ DUAS POSIÇÕES

"É claro que tinham umas condições melhores de vida, evidentemente mas quem mandava, quem riscava e, em particular nas condições monopolistas era o dono, era o patrão era quase um senhor feudal. Esses eram os grandes senhores dos monopólios. Não me estou a referir aos pequenos.

Nós também precisamos de aliados nesta revolução, precisamos de pequenos empresários, médios empresários que compreendam esta revolução, que caminhem ao lado de nós. Nós precisamos também de alianças porque isto é uma tarefa muito grande mas, evidentemente que a revolução só comporta duas situações: ou se está por nós ou se está contra nós. Não há tipos que possam dizer "eu sou neutral", "não me interessa nada de política". Não, hoje não se pode dizer isso, só há duas posições. Ou os quadros, portanto, também têm que fazer a sua opção se a não fizeram já. Os quadros, ou estão com a revolução ou estão com a reacção. Não há meio caminho nesta tarefa em que nos metemos e que põe a nossa própria vida, o nosso futuro em jogo. Não há meio caminho nem meias tintas, há só um caminho ou há a rejeição desse caminho. E nós estamos apostados todos em seguir nesse caminho em seguir para a frente para os destinos gloriosos para os destinos riosos de uma Pátria seja de todos os portugueses."

VIVA PORTUGAL